



# MENINA COM BRINCO DE FOLHA



Marcella  
Lopes Guimarães

Editora filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu)

Av. Fernando Ferrari, 514 - *Campus* de Goiabeiras

CEP 29075-910 - Vitória - Espírito Santo - Brasil

Tel.: +55 (27) 4009-7852 - *E-mail*: edufes@ufes.br

<http://www.edufes.ufes.br>

**Reitor** | Reinaldo Centoducatte

**Vice-Reitora** | Ethel Leonor Noia Maciel

**Superintendente de Cultura e Comunicação** | José Edgard Rebouças

**Secretário de Cultura** | Rogério Borges de Oliveira

**Coordenador da Edufes** | Washington Romão dos Santos

**Conselho Editorial** | Cleonara Maria Schwartz, Eneida Maria Souza Mendonça, Giancarlo Guizzardi, Gilvan Ventura da Silva, Giovanni de Oliveira Garcia, Glícia Vieira dos Santos, Grace Kelly Filgueiras Freitas, José Armínio Ferreira, Julio César Bentivoglio, Luis Fernando Tavares de Menezes, Sandra Soares Della Fonte

**Secretaria do Conselho Editorial** | Douglas Salomão, Tânia Canabarro

**Revisão de Texto** | Jussara Rodrigues

**Projeto Gráfico e Diagramação** | Ana Elisa Poubel

**Capa** | Willi Piske Jr.

**Ilustrações** | Edna Rojane Druciak

**Revisão Final** | Roberta Soares

### III Prêmio Ufes de Literatura 2015-2016

**Comissão Organizadora** | Bernadette Lyra, José Edgar Rebouças, Roberta Estefânia Soares, Rogério Borges de Oliveira, Washington Romão dos Santos

**Comissão Julgadora da categoria Livro de Poemas** | Fabiano Moraes, Maria Amélia Dalvi Salgueiro

---

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

G963m Guimaraes, Marcella Lopes, 1974-  
Menina com brinco de folha [recurso eletrônico] / Marcella  
Lopes Guimaraes. - Dados eletrônicos. - Vitória : EDUFES, 2016.  
61 p. : il. - (III Prêmio Ufes de Literatura ; 1)

ISBN: 978-85-7772-353-9

Também publicado em formato impresso.

Modo de acesso: <<http://repositorio.ufes.br/handle/10/774/>>

1. Literatura infanto-juvenil. I. Título. II. Série.

# MENINA COM BRINCO DE FOLHA



Marcella  
Lopes Guimarães

  
**EDUFES**  
VITÓRIA, 2016

# APRESENTAÇÃO

A história do Prêmio Ufes de Literatura começa em 2010, num período repleto de desafios para o mercado editorial, com recursos escassos e baixa articulação do segmento. Apesar das adversidades, não faltou comprometimento da Editora da Ufes (Edufes) e da Secretaria de Produção e Difusão Cultural (SPDC), hoje Secretaria de Cultura da Ufes (Secult/Ufes). As discussões foram comandadas pela então secretária e diretora da Editora com o apoio do Conselho Editorial da Edufes e dos membros da Comissão Organizadora, interessados em premiar as melhores obras inéditas nas categorias poemas e contos, originando um livro com a coletânea dos textos selecionados.

Com os objetivos de fomentar a produção de obras literárias de qualidade, promover a literatura nacional e revelar novos talentos, a segunda edição do Prêmio Ufes de Literatura, em 2013-2014, já no contexto da vinculação da Edufes à Superintendência de Cultura e Comunicação (Supecc), veio com uma nova proposta, ampliando o número de modalidades e categorias, de publicações e premiados. O concurso recebeu textos inéditos de escritores nas modalidades Autor e Antolo-

gia. As categorias autorais foram: Livro de Poemas, Livro de Contos e/ou Crônicas, Livro de Romance e Livro de Literatura Infantojuvenil. Para a modalidade Antologia, as categorias contempladas eram Coletânea de Poemas e Coletânea de Contos e/ou Crônicas.

Dando continuidade aos objetivos estabelecidos, a terceira edição do Prêmio Ufes de Literatura, em 2015-2016, ampliou para sete as categorias contempladas e atraiu 515 candidatos, de todas as regiões do Brasil e do exterior, que inscreveram suas obras, posteriormente analisadas por um júri composto por onze especialistas divididos em cinco comissões. Entre os 26 vencedores do prêmio estão escritores de Alagoas, Ceará, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Pará, Paraná, Santa Catarina, São Paulo e Rio Grande do Norte.

Nesta edição, sete livros são publicados. Na modalidade autoral, temos as seguintes categorias: Livro de Poemas, Livro de Contos e Crônicas, Romance, Livro de Literatura Infantil e Livro de Literatura Juvenil. E na modalidade antologia, temos a Coletânea de Poemas (a qual contempla dez autores premiados) e a Coletânea de Contos e Crônicas (que contempla onze autores). Seguem as listas das comissões e dos premiados por modalidade/categoria.

# COMISSÕES

## **Comissão Organizadora**

Bernadette Lyra (Anhembi Morumbi), José Edgar Rebouças (Supecc), Roberta Estefânia Soares (Edufes), Rogério Borges de Oliveira (Secult), Washington Romão dos Santos (Edufes).

## **Comissão Julgadora da categoria**

### **Livro de Literatura Infantil**

Fabiano de Oliveira Moraes (Ufes), Maria Amélia Dalvi Salgueiro (Ufes).

## **Comissão Julgadora da categoria**

### **Livro de Literatura Juvenil**

Fabiano de Oliveira Moraes (Ufes), Gabriela Rodella de Oliveira (USP), Maria Amélia Dalvi Salgueiro (Ufes).

## **Comissão Julgadora das categorias**

### **Livro de Poemas e Coletânea de Poemas**

Carlos Eduardo Guimarães (escritor e jornalista), Orlando Lopes Albertino (Ufes).

**Comissão Julgadora das categorias Livro de Contos e Crônicas e Coletânea de Contos e Crônicas**

Ana Penha Gabrecht (Ufes), Renata Oliveira Bomfim (Afels),  
Tarcísio Bahia de Andrade (Ufes).

**Comissão Julgadora da categoria Livro de Romance**

Andréia Penha Delmaschio (Ifes), Camila David Dalvi (Ifes),  
Nelson Martinelli Filho (Ifes).

# PREMIADOS

M o d a l i d a d e   A u t o r

## ***Livro de Literatura Infantil***

*Menina com brinco de folha,*

de Marcella Lopes Guimarães (PR);

## ***Livro de Literatura Juvenil***

*O coração range sob as estrelas,*

de Lila Maia (RJ);

## ***Livro de Poemas***

*Cortejo & outras begônias,*

de Airton Souza de Oliveira (PA);

## ***Livro de Contos e/ou Crônicas***

*Pessoas partidas,*

de Diego Lops (RS);

## ***Livro de Romance***

*O segundo caçador,*

de Bruno da Silva Crispim (RJ).



# PREMIADOS

M o d a l i d a d e   A n t o l o g i a

## *Coletânea de Poemas\**

“Suicidário”, de Maria Terezinha da Silva (SC);

“Poesia visível”, de Talitha Borges da Silva (SP);

“Nunca mais”, Tatiana Alves Soares Caldas (RJ);

“Interno retorno”, de Francisco Augusto Kurkievicz de Araujo (ES);

“Entre ensaios”, de Yasmin Miyeko Nascimento Nariyoshi (ES);

“Seiva endêmica”, de Guilherme José da Costa (SP);

“10 poemas para o vento”, de Rodrigo de Menezes Gomes (RN);

“O sumo dos instantes”, Márcio André Oliveira Santos (MG);

“Atrator(es)”, de Lino Machado (ES);

“Nós mesmos, costumeiramente”, de Erly Milton Vieira Junior (ES).

*\*Obs.: O escritor Márcio Dison da Silva (SC) informou, posteriormente, que seus poemas seriam publicados por outra instituição, o que o tornou inabilitado para a premiação, conforme o regulamento.*

***Coletânea de Contos e/ou Crônicas:***

- “7”, de Douglas Rosa da Silva (RS);  
“Interiores”, de Camila Lobato Rajão (SP);  
“A tempestuosa existência do tempo”, de Ingrid Nogueira Freitas (CE);  
“Pés gregos”, de Letícia Fernandes Malloy Diniz (MG);  
“Contradições”, de Emerson Figueiredo e Souza (MG);  
“Encontro não declarado de histórias vindas de qualquer lugar”, de Gabriel do Nascimento Barbosa (P. Aleph Gímel) (ES);  
“Assovios”, de Paulo Sérgio dos Santos Sena (ES);  
“O segredo e outras histórias”, de Maria Aparecida Sanches Coquemala (SP);  
“Paraguai”, de Joaci Pereira Furtado (SP);  
“Andarilho”, de Marcos Vinícius Lima de Almeida (SP);  
“Ribeiras”, de José Genival Bezerra Ferreira (AL).

\*\*\*

Aproveitamos este espaço para, mais uma vez, agradecer a colaboração dos membros das comissões julgadoras, que se debruçaram em tão nobre tarefa, parabenizar os inscritos pelo esforço e confiança, especialmente os contemplados com o Prêmio, e desejar a todos uma ótima leitura.

Comissão Organizadora do *III Prêmio Ufes de Literatura*

## *Agradecimento*

*Um dia em 2008, eu me descobri grávida e, quando me preparava para estreitar nos braços a minha filha, conheci Edna Rojane Druciak. Ela pintou de sonhos felizes as paredes do quarto da Maria Clara.*

*Quando a Menina com brinco de folha conquistou o III Prêmio UFES, foi natural procurar a sua sensibilidade e experiência para ilustrar a obra, afinal se trata de artista plástica e ilustradora em atividade constante, com formação clássica na Escola de Música e Belas Artes do Paraná (Embap) e no Museu de Arte Contemporânea (MAC). Como desgrudar de alguém cujo trabalho não deixa entrar Bicho Papão no quarto da sua criança?!*

*“ao João, com saudade”*



◉ menino não lembrava quando tinha sido a primeira vez que reparou no **brinco de folha** da menina. Essa vez não coincidiu com a primeira em que se viram nem com quando juntos ouviram o sinal do recreio pela primeira vez. Não se misturou com nenhuma hora do pátio de brincadeiras nem com a chegada da melancia em cubinhos. Não se lembrava muito bem das circunstâncias do reparo, mas lembrava que o brinco causou nele estranhos sentimentos. Tão estranhos que inexplicáveis.

**N**esse dia, ele olhava para o nada. Era frequente isso nele e raro em todo mundo à sua volta. Por isso preocupava todos, que cochichavam palavras de consultório médico. Como o menino ignorava o que essas palavras significavam, prosseguia com o seu hábito de meditar em meio à incompreensão.

🌀 menino olhava para o nada quando a menina sentou à sua frente para pedir um lápis **cor-de-rosa-escuro**. Ah, isso lembrava! Era a cor favorita dela, ele estava careca de saber. Tão favorita que seu lápis havia acabado duas vezes no estojo. Milagres que sucedem às coisas. Estava em vias de uma nova encarnação, quando pediu chorosa um *pouquinho* para terminar o desenho do pai, da mãe e dela mesma.

🌀 menino gostava de brincar de correr com a menina. Ela era rápida e feroz. Ele, lento e manso. Nunca a alcançava, por isso podia vê-la sorrir das vitórias, imitar onça, enquanto ele ria mesmo é do sorriso dela. E assim a vida passava, entre bananas cortadas em rodela, visitas a museus, água abundante depois do pátio e escrita de palavras incompreensíveis aos pais sorridentes.





Um menino achava muito engraçado o esforço dos pais para ler seus textos de raras linhas. Achava tão engraçado e bonito quanto uma joaninha amarela. Sim, porque havia as amarelas, como ele descobriu com a menina do brinco de folha depois que o desenho dela ficou pronto.

Um dia os pais perguntaram ao menino se a menina era sua amiga, ou melhor, *melhor amiga*. O menino não soube dizer. A menina corria no pátio do recreio com ele, pedia lápis rosa emprestado e usava brincos de folha. Isso bastava?






**A** descoberta da folha na orelha fez com que brotasse de repente uma folha igual no nada para o qual o menino olhava. Na verdade, essa folha foi ganhando irmãos e, de repente, tornou-se uma árvore tão grande que, só de pensar nela, dava uma sombra gostosa no coração.


**M**as a folha despertou ainda uma curiosidade pelas coisas da natureza. Assim, passou a colecionar folhas e teve muitas oportunidades para diversificar a coleção, pois os pais eram dados a sol e passeios. Enquanto pedalavam por todo lado, ele se fixava no chão atrás de formas curiosas. E sempre achava a mais MAIS!




**E**m uma das suas derrotas de aposta de corrida com a menina, contou-lhe esse projeto de coleção de folhas e ela o surpreendeu com o segredo de que colecionava pedras. Ela contou que a mãe gostava muito de uma história em que a personagem principal colecionava pedras de rio e as guardava nos bolsos do casaco até chegar em casa. O menino teve certeza de que essa era também uma boa coleção. Mas ficou mesmo com as folhas.

s pais perceberam a curiosidade e seguiram o costume dos pais: contaram a todos, que inundaram o menino com livros de botânica. Esqueceram o detalhe de que ele ainda não sabia ler.

**M**as os tais livros de botânica tinham uma coisa importante em comum: muitas imagens. E o menino se divertia comparando as folhas da sua crescente coleção com as fotografias e desenhos das páginas. Às vezes, a comparação era prejudicada pelo fato de ele ainda não ter desenvolvido um método eficaz de guardar as folhas. Elas se partiam em pedacinhos de tamanhos de sujeira e poeira, na opinião da avó, dentro da caixa de sapatos destinada à sua conservação.

pai sugeriu uma caixa com ninhos quadradinhos para guardar folhas parecidas ou iguais e os dois passaram o dia pesquisando em lojas uma coisa parecida.

**E** não é que algumas vontades movem montanhas, como a do Sésamo que a mãe sempre contava? Se não moveu um monte de tesouros, moveu a saída do filhotinho de ovelha da barriga da mãe, para a maravilha do pastorzinho! Ah, como ele gostava daquela história na hora de dormir! Gostou também de ter encontrado a caixa certa, cheia de espaços para todas as folhas de suas buscas.


 menino trabalhou com afincos. Ao mesmo tempo que guardava, aventurava-se por desenhos, e tudo aquilo voltava para o **brinco da menina**, cuja **folha** continuava inacessível pela natureza da cidade.

**U**m dia, levou à escola a sua coleção. Passou a véspera arrumando tudo muito bem. Resolveu levar também o pequeno bloco com esboços dos formatos mais bonitos. A professora achou incrível aquela ideia e, como adulta que era, correu à biblioteca com novos volumes escritos de botânica. O menino agradeceu, embora ela especialmente soubesse que ele não era ainda capaz de ler nada daquilo. Agradeceu, porque ela, tanto quanto seus tios, primos mais velhos, pais e avós, achava que *curiosidade de aprender era a coisa mais bonita do mundo*. Sempre repetiam.


**E**le levou a coleção especialmente para mostrar à menina.


**E**la adorou e fez uma descoberta de **queimar bochechas**. Ele tinha uma **coleção de folhas**, e ela tinha um **brinco de folha**! *Que incrível...* Ela procurou muito na caixa, até bagunçou, mas, como ele, não encontrou uma folha parecida com a do brinco, nem levemente.


A menina levantou a hipótese inusitada de a folha do brinco não ter comparação com folhas viventes e mortas (as da coleção); em outras palavras, ser fruto da magia de quem cria brincos preciosos.

 menino foi para a casa com o enigma na caixa e com a tristeza no coração. Afinal, se a folha resultava de magia grudada nas orelhas pequenas da menina, qual o motivo de tanto buscar **uma folha** que fosse igual à dela, para fazer parte da vida dele como fazia da orelha dela?



 menino entrevistou a mãe sobre as coisas preciosas. Afinal, em aniversários de beijos, namoro e casamento, o pai recorria a alguma preciosidade: de usar, comer ou viver, como passar final de semana fora, enquanto ele ficava com os avós. A mãe tranquilizou o seu **coração** ao afirmar que preciosidades de usar, como brincos e colares, por vezes imitavam a natureza. Usou uma palavra belíssima para esse trânsito de formas: *inspiração*. O menino achou tão incrível que uma mesma palavra pudesse conter as ideias de respirar e de ter ideias a partir do que se vê ou se sonha! Guardou a palavra do melhor jeito que existe: fazendo uso.

 ontou à menina a palavra e ela prestou mais atenção à parte de respirar. Respirou fundo e ganhou outra vez a aposta de corrida. Sim, para ela, também era uma boa palavra.

 menino passou a reparar também no uso que as pessoas faziam da *inspiração*. Às vezes, a falta dela era a responsável por elas não terem feito alguma coisa que deveriam. Às vezes, ao receberem um elogio, atribuíam à inspiração todos os méritos. Outras vezes, mais raras para ele, algumas pessoas diziam que a tal inspiração não existia, mas sim o trabalho exclusivo. Ele sorria de tanta besteira, afinal a mãe fora inspirada quando interpretou o trânsito das preciosidades da natureza para as coisas mortas que usamos para imitá-la.

🌀 menino reparou em muitas inspirações, pois até as músicas de sonhar que ele ouvia no teatro, quando o pai, a mãe e ele usavam as roupas mais bonitas do armário, pareciam inspiradas. Ele via o suor de quem se esforçava para cumprir essa beleza. Era o mesmo brilho molhado que a menina tinha na testa quando vencida todas as provas físicas do seu ser de onça.

🌀 menino sonhou aquela palavra tanto quanto procurou novas folhas para a coleção. Logo, o pai descobriu que deveriam ir em busca de outra caixa e que deveria providenciar mais uma tábua para a estante do quarto, para que o material de ciência do filho ficasse organizado.

**C**iência foi outra palavra que o menino descobriu e achou muito interessante a maneira como não entendeu bulhufas do que lhe explicaram, mas conseguiu sozinho associá-la à inspiração, porque isso de respirar e ter ideias a partir do que se vê ou se sonha combinava muito bem com querer saber.

**A** menina era para ele muito científica: respirava como atleta, movia-se sonhando em ser onça e era curiosa a respeito de tudo, até cansar a professora.

**D**escobriram o universo entre o recreio, o pátio e a biblioteca. Viviam como desbravadores, buscando as folhas da semelhança dos brincos que nunca eram retirados. Nem para tomar banho, segundo ela lhe segredou.





**U**m dia a professora avisou que as férias se aproximavam. O menino teve vergonha de perguntar o que seriam as tais férias e comunicou à menina com os olhos a sua dúvida. A menina nunca tinha vergonha de perguntar e por isso ele e toda a classe descobriram que férias eram um monte de dias em que não se ia à escola.

**E**le ficou apavorado e lágrimas brotaram em seus olhos. A professora reparou e deu-lhe um monte de beijos, achando que o menino, em sua vontade científica, tinha uma ânsia de aprender tão grande quanto o pátio do recreio. Tranquilizou-o: as férias tinham dia para começar e dia para acabar. E eram *férias de meio de ano!*  
*Logo estariam de volta.*


**M**as as lágrimas não tinham qualquer relação com a ciência. Montes de dias sem ir à escola também significavam dias e dias sem ver os brincos e isso era insuportável desde o dia em que as folhinhas brotaram para o menino. A chegada do final de semana era desagradável também. Passou a ser menos quando a coleção começou, pois podia imaginar folhas diversas em orelhas pequenas até a segunda-feira chegar.

**M**as o que faria em semanas?! Afinal a semana era um tempo muito longo de viver, tanto que era preciso descansar quando ela acabava. O menino não se conformou, nem com a esperança de que *logo estariam de volta!*




**Q**uinto dia, o menino contou à menina o seu desconforto com as férias e ela o consolou dizendo que, segundo o que havia entendido da explicação dos pais, as férias eram um tempo em que brincar e guardar os brinquedos não tinha relógio. Isso animou um pouco o menino, pois, como a menina, ele detestava desarrumar seus castelos, carros e quebra-cabeças para ir à escola, para ir à casa dos avós, para almoçar fora, para dormir ou porque *já estavam atrasados!!!* ou porque *era tarde!!!*

**E**la parecia feliz com esse tempo de férias e ele só teve forças para sussurrar que ruim mesmo era não apostar corrida no pátio... Ela riu e sumiu.

 primeiro dia de férias foi uma surpresa de ótimo. Passou na casa dos avós, pois o tempo sem relógio dos pais ainda não havia começado. A casa dos avós era um apartamento que os pais haviam obrigado os avós a comprarem. O menino descobriu com isso que chega um dia em que os filhos é que mandam nos pais. Ficou pensando em como se aprende a fazer isso. Uma coisa para perguntar à **menina**.

**A** menina. Pensou nela vagamente nesse primeiro dia. A mãe ficou de férias no dia seguinte ao dia passado nos avós e fizeram juntos várias coisas de rir que faziam bem ao coração, ao estômago e cansavam de montão. Dormiu muito bem à noite. O bolo de chocolate da mãe era *de acordar defunto*, segundo o pai. Um dia, perguntou a ambos o que era um *defunto* afinal e ficou horrorizado com o fato de o pai conseguir rir da piada. *Defuntos eram como o passarinho da mãe que morreu antes de o menino nascer?* O sorriso morreu nos lábios da mãe. Sim, mas *defunto* era uma maneira feia de se referir a gente ou a bicho que deixou de ser beijável e abraçável para virar sonho, saudade e lágrimas.

 menino reparou que o pai baixou a cabeça de vergonha e pediu mais um pedaço do bolo. Quando a mãe olhou para ele, tinha os olhos molhados e um meio sorriso na boca.



**M**as o pai também haveria de ter férias! E o tempo sem relógio de todo mundo junto dava viagens. Às vezes, eram bem curtinhas e não duravam um tempo de habitar outras casas, tomar outros cafés da manhã e viver coisas diferentes. Outras vezes, duravam dias que cansavam mais que em casa, mas todo mundo ficava feliz.

**P**ois era hora de viajar para a praia, coisa de que o menino gostava tanto quanto de **brincos de folha** na orelha da menina!

**O**s pais diziam que a bagagem do menino era maior que a deles, mas ele não compreendia como, pois não concebia todas aquelas necessidades que os pais lhe imputavam. Afinal, a caixa com a coleção de folhas não era tão grande assim.



**A** praia era tanta areia, tanto mar e tanta gente! A mãe reproduzia a proteção da casa à beira-mar para que o menino não pegasse muito sol, não morresse afogado, não se perdesse *da gente*, comesse nos horários certos e passasse o protetor toda vez que precisava de mais água para suas construções em areia.

**N**ão havia muitas folhas novas no lugar em que ficaram e isso desapontou o menino. À noite, antes da história de dormir, acariciava as suas folhas conhecidas como quem passa a mão na asinha de um pássaro de gaiola. Parava e olhava para o nada. Nem só de praia eram feitos os dias de férias. As viagens abrigavam visitas de toda espécie a pessoas completamente desconhecidas para o menino, mas que sabiam muitas coisas sobre ele. Sabiam de sua coleção de folhas, haviam separado outras, sabiam sua comida preferida, traziam outras crianças desconhecidas para brincar, colocavam filmes de que o menino gostava para ele ver... Só pediam um beijo e um abraço. Mas beijo e abraço eram coisas de tanto amor e, por mais que soubessem dele, ele até gostava de tanta pesquisa!, não sentia nada remotamente parecido com o gostar.





Os pais tinham muita vergonha da vergonha do menino e realmente se zangavam com o afastamento dos abraços. Mas ele resistia com olhos no chão. Um dia, saiu-se com uma explicação que devolveu o sorriso à boca dos pais. É que não se sentia realmente *inspirado* a beijar e a abraçar aquele todo mundo tão simpático que lhe fazia as vontades.

**A** mãe olhou-o curiosa e sorridente, *como as crianças hoje falam coisas inteligentes!* A mãe contou ao pai, que achou mais engraçado ainda, e por um tempo ninguém perturbou o menino por causa do seu acanhamento.



**U**m dia o menino achou ter visto o brinco de folha correndo. Achou ter escutado a voz da menina. Achou ter visto seus cabelos cacheados pulando. Achou ter visto o sorriso em sua direção. Mas só teve certeza mesmo de que era a menina quando ela pisoteou de alegria toda a sua criação em areia.

**A**felicidade era uma coincidência de tempo, espaço e gente. O menino não conseguiu falar, mas abraçou a menina, e ficaram abraçados rindo até que os pais deles terminaram de se surpreender e se cumprimentar.

**O**ra, se tivessem combinado juntos a viagem, alguma coisa poderia ter dado errado. E agora estavam ali juntos, enquanto não houvesse relógio!

**E**ssa coincidência foi um acontecimento tão inesquecível que, para sempre, esse encontro nunca repetido ganhou sentidos novos na lembrança, mais palpáveis que a certeza de uma última frase.

**O**brigados a conviver, os pais do menino e da menina inventaram idas a parques, almoços e cinemas, todos juntos. O menino percebeu que os pais da menina eram mais barulhentos que os dele e perguntou aos seus se o volume das gargalhadas tinha a ver com uma felicidade maior de viver as férias.



Os pais do menino acharam a observação engraçada, porque era *um segredo, só deles e entre eles*, os pais da menina falavam e riam mesmo muito alto. Mas esse barulho todo não tinha a ver com uma felicidade maior, tinha a ver com um jeito de ser diferente, porque todo mundo tinha maneiras só suas de rir, andar, vestir, comer e levar a própria vida. Segundo os pais, *todo mundo tinha de ser respeitado por isso!!!*, mesmo que a gente continuasse a achar que os outros falavam alto à beça.

O menino e a menina esqueceram o tempo em que não se viram e prosseguiram suas disputas para o menino sempre perdidas e viveram a alegria física do suor que brota logo acima da boca. Mas aquelas férias não seriam lembradas depois apenas pela coincidência do encontro na praia. Um dia, os pais receberam um telefonema da avó: o avô passara mal. Os pais não pensaram duas vezes e entulharam tudo dentro do carro para voltar para casa. Despediram-se dos pais da menina, e o menino sentiu de novo que dizer *tchau* era uma coisa horrível de se fazer, mesmo quando um avô passa mal.

**M**as o pior é que o avô não conseguiu melhorar. Os avós das tardes de brincadeiras eram os pais da mãe, porque os pais do pai moravam tão longe que só visitavam o menino no Natal.



🌀 avô virou defunto. O menino não disse isso, mas pensou. *Foi viver ao lado do céu dos passarinhos para ouvir o canário da mãe cantar.* Isso foi o que ele disse para a mãe e ganhou um abraço de três, mais apertado do que quando fazia alguma coisa que agradava de verdade. O menino ficou lá, carne moída dentro do pastel, queijo dentro do pão, num incômodo físico necessário à mãe.

**A** mãe só soltou o pai e o menino quando viu chegar a sua própria mãe, a avó. Elas se abraçaram de um jeito que de repente o menino achou que a mãe tinha virado uma menina bem pequena, aninhada no colo da mãe dela, que acariciava o cabelo dela e dava tantos beijos quantos eram necessários à dor de uma menina.

🌀 menino viveu meio solto no tempo curto de se despedir do avô. Os pais andavam de lá pra cá e tinham tantos *procedimentos* de que dar conta que o menino comeu qualquer coisa, vestiu a primeira peça da gaveta, não escovou os dentes depois do almoço e brincou com o que quis na hora em que quis. Enquanto fazia o que queria, pensava por que o avô teve de morrer.

**A**briu a caixa com as folhas e percebeu que a pele do avô parecia com algumas folhinhas secas da coleção. As folhas também estavam mortas, mas o menino não era um *assassino*, pois só recolhia as do chão. Ora, se recolhia as que já estavam mortas, tinha se tornado um colecionador de coisas mortas! Era uma descoberta de apavorar.



Os pais perguntaram ao menino se ele queria ir dizer adeus ao avô. O menino disse que sim e foi correndo pegar a caixa de folhas. Os pais perguntaram por que ele queria levar a coleção e o menino pediu para só dizer ao pai. *Era que as coisas mortas tinham de ficar juntas. Havia descoberto que colecionava coisas mortas e por isso resolveu que o avô poderia guardar as folhas para ele lá no lugar para onde vai todo mundo que não vive mais.* O pai ficou com cara de surpresa misturada com *não entendi*, mas concordou.

A mãe perguntou, mas o pai disse que era um segredo. O menino gostou da solução. A mãe chorou mais quando o menino deu a caixa ao avô. O menino disse que *não queria que ela ficasse triste, afinal ninguém fica triste com presentes, nem os mortos, não é?* A mãe não enxugou as lágrimas quando sorriu, mas sorriu de novo, e isso foi tão bom que foi a vez de o menino encher aquela menina de beijos.

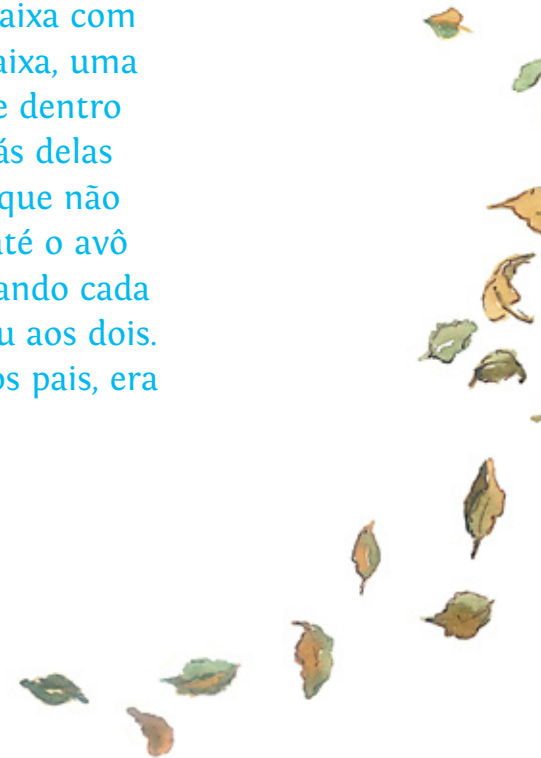
Disseram adeus ao avô, e a mãe ficou muitos dias em silêncio. O pai não falava muito também e quando falava era sempre mais baixo que de costume. O menino pensou se os pais da menina falavam baixo quando os avôs de lá morriam e lembrou-se da menina.





que a menina diria quando soubesse que o menino tinha dado a coleção ao avô? Não poderia perguntar, pois ainda estava de férias... E que férias tão compridas afinal!... que até o avô não encontrou nunca mais o tempo de melhorar!

Logo depois que se despediu do avô, teve um sonho com ele. Sonhou que estavam no parque perto de casa, sentados na grama. Entre os dois, estava a caixa com a coleção de folhas. Quando o avô abriu a caixa, uma rajada de vento expulsou todas as folhas de dentro da caixa e o menino começou a correr atrás delas chorando. Gritava que eram do avô agora, que não tinham o direito de fugir. Chorou e gritou até o avô envolvê-lo em um abraço. Esse abraço foi ficando cada vez mais apertado, pois muita gente se juntou aos dois. Eram pessoas que estavam no parque, eram os pais, era a avó, era a menina.



**A**cordou sufocado, estava preso nas cobertas. Chamou os pais. Contou o sonho e ganhou outro abraço. A mãe disse que, apesar de as folhas terem fugido com o vento, aquele era um sonho bonito, afinal abraçara o avô no parque em que costumavam divertir-se. O menino pensou se deveria voltar ao parque, afinal tinha ficado com medo do vento e de ver o avô..., quando sabia que ele não estava mais...

**A**s vezes, a mãe dizia que sabia o que ele e o pai estavam pensando. Mas o menino achou que ela não conseguiu descobrir desta vez em particular, pois a frase que falou a seguir não tinha rigorosamente nada a ver com seus medos. Ela disse que ele deveria descansar, *pois amanhã cedo voltaria à escola*. As férias tinham acabado. Era inacreditável, mas, finalmente, as férias acabaram! Ele ganhou um abraço mais apertado da professora, que tinha ficado sabendo da morte do avô. A palavra *morte* fez com que todos os colegas se voltassem para ele, e o menino desejou o mais rápido possível voltar à condição de invisibilidade de sempre.

**M**as onde estaria a menina? Ela não foi para a escola no primeiro dia de volta às aulas. Ele perguntou baixinho à professora se sabia notícias dela. A professora o olhou de forma curiosa, respondeu baixinho que a menina estava resfriada e que também sentia saudades dela...

**C**omo assim, *saudades*? Era o que a mãe sentia do avô, foi como ela explicou. Não sabia se sentia *saudades*, mas ficou muito *preocupado* com a possibilidade de a menina não conseguir melhorar do resfriado, que nem o avô não conseguiu da doença que ele tinha e para a qual tomava remédios coloridos. Também não sabia se era certo dizer que estava *preocupado*. Tomou a palavra emprestada depois que a mãe perguntou se ele estava *preocupado*.

**A**lguns sentires se mostram no rosto, e a mãe, com seu poder sobre o pensamento dele e do pai, costumava acertar.

**M**as a *menina* veio afinal. Ainda não estava completamente boa, por isso tinha de ir à enfermaria no meio da tarde tomar remédio na colher. Naturalmente, ele perguntou à professora se podia fazer companhia. Ela deixou e fez aquela cara curiosa do dia da saudade.

**A** menina não gostava do remédio. Afinal, quem gostava? Mas ela lhe contou que gostava de alguns! Havia um vermelhinho com gosto de *morango*. O menino não sabia disso e disse-lhe que pediria à mãe. Mas a menina lhe contou que levou a maior bronca do mundo quando fez o mesmo em casa. Então, ele achou melhor aguardar até ter a doença que se cura com o remédio de morango.



**U**m dia depois que ela melhorou de todo, ele contou que deu a caixa de folhas para o avô que morreu. *Como assim, morreu?* Aí ele teve de contar *tim-tim por tim-tim* todas as novidades. Contou até do sonho e surpreendeu-se quando ela revelou que tinha medo de pessoas mortas. Ele achou inacreditável que ela tivesse algum medo e contou-lhe a surpresa. Ela sorriu e disse que tinha sim alguns medos. Ele teve muita vontade de perguntar aquele plural, mas de repente achou melhor não.

**E**le tinha muitos medos, como todo mundo sabia, e agora tinha mais um: o medo das pessoas mortas. O medo das pessoas mortas era engraçado, até porque ele não sabia muito bem qual a ameaça que elas podiam fazer, e, em particular, pessoas mortas como o avô, que afinal *não era capaz de matar uma mosca*, como todo mundo repetia. O pai lhe disse que muitos medos são *inexplicáveis*, uma ótima palavra quando a gente não sabe o que dizer.

**N**ão sonhou mais com o avô e secretamente agradeceu ao dono dos sonhos, pois assim o seu medo novo ficava menor. Enquanto esse medo ficava pequeno, mas lá com todos os outros, as lembranças se multiplicavam de repente e o menino compreendeu enfim a saudade. Ele conhecia aquele sentimento pelo sentir, mas agora achava que podia entender. Sentiu-se inspirado afinal e seu coração ficou quente como quando perdia uma corrida de pátio para a menina.

**D**e depois de mais uma derrota, a menina lhe contou que ele ultimamente perdia por menos, ou seja, que estava chegando perto dela no final do pátio. Ele teve um novo medo: de que ela não gostasse dessa proximidade e, quando estava prestes a decidir perder por mais, a menina lhe disse que estava muito satisfeita por o treinamento estar dando certo.

**E**le estava *em treinamento*? Era fascinante! A menina o treinava para ser onça? Nem tanto. Mas gostaria de olhar para o lado na corrida e ver o rosto dele mais de perto. Outro dia olhou para trás e quase caiu, então era muito mais seguro não virar a cabeça toda. O menino ignorou a segurança e parou sua compreensão no pedaço da frase que dizia assim: *ver o rosto dele mais de perto*. Perdeu por muito menos quando o sinal do recreio bateu. A sua velocidade fora reparada pelo pai e sorrida pela mãe, que era a maneira que a mãe dele tinha de mostrar alguma aprovação para o que ela não prestava nenhuma atenção. Mas o pai prestou, e tanta, que, na tarde em que prestou mais, até machucou o pé de tanta empolgação.

**A**mãe ficou olhando seus filhos, mas sempre considerou, mesmo quando aquela experiência se tornou narrativa, que os livros que levava para o parque eram mais divertidos que correr para lá e para cá. Uma coisa desviava a mãe da sua fome de ler: piquenique e pipas coloridas.



**A** mãe gostava de piquenicar, palavra que só ela falava, porque só ela, na casa, no prédio, na família e na rua, falava francês! Ela preparava coisas tão coloridas quanto as pipas e tão gostosas que inspiradas! Depois que o avô virou sonho, a avó passou a incrementar aquele colorido.

**A** avó passou a estar mais com eles também. No começo ela dava tantas opiniões sobre tudo, que o gostoso da sua chegada morria na boca franzida da filha dela minutos depois de a campainha anunciar a visita. Mas, de uma hora para a outra, suas opiniões foram diminuindo tanto, que a mãe passou a fazer o imprevisto: solicitá-las. Foi no tempo em que a avó passou também a tomar remédios coloridos. Um dia a avó folheou os livros de botânica do menino e perguntou pela coleção de folhas. Ele caiu na gargalhada. *Como ela não lembrava que ele tinha dado a coleção ao avô?!* A mãe queimou-o com seu olhar e ela raramente fazia isso. Ora, de tão raro que era, o menino teve vontade de chorar e saiu da sala.



**P**ela porta, porém, viu a mãe abraçar a avó e de repente achou que a avó tinha ficado uma menina bem pequena, aninhada no colo da mãe dele, que acariciava o cabelo branco dela e dava tantos beijos quantos eram necessários a uma menina-avó.

**U**m dia a avó expulsou os livros da mãe para a sala e veio morar no quarto que eles ocupavam, ao lado do quarto do menino. O menino perguntou à mãe até quando a avó ficaria ali, e ela disse uma expressão que ele adorava: *para sempre.*

**O** menino falou da avó à menina e ela disse sorrindo que achava que a família dele era muito inspirada, sempre cheia de novidades! Ele não questionou o fato de a morte do avô não ser inspiração para eles, mas teve a sensação de que, desde o dia em que reparou no **brinco de folha da menina**, o mundo passou diante dele tão diverso quanto as paisagens pelas janelas de ônibus ou carros em viagem de férias.

**E**le ficou parado, olhando para o nada do lado de fora, vendo dentro dele os brincos, o avô, a sala afogada de livros, a praia..., até que ela o desafiou: *agora vai perder feio!* E ele perdeu.




**F**oi quando a professora compartilhou com todo mundo a consciência de que o ano se acabava.

Sim, claro que o ano acabava, o menino e a menina pintavam os dias no calendário, retiravam os meses que se encerravam, foram outro dia conhecer *a sala do ano que vem, a professora do ano que vem*, mas outra coisa era a declaração de que o ano se acabaria, que *teriam novos amigos* e que *alguns eles só veriam de vez em quando*.

**C**omo? Algumas crianças mudam de escola no fim do ano e essa era uma decisão dos pais.

**U**ma decisão dos pais significava na casa do menino que não adiantava absolutamente nada chorar, gritar, bater a porta do quarto, fingir perna doendo, braço doendo, fazer escândalo em loja de brinquedos, recusar-se a comer... Uma decisão dos pais, na casa dele, significava que poderia ver a **menina** apenas de vez em quando ou nunca mais. Taí uma expressão que ele detestava: *nunca mais*. Ouviu pessoas dizerem isso quando se despediu do **avô**.

**E**ra preciso descobrir se ele seria uma das crianças que mudariam de escola. Descobriu fácil que não. Depois, era necessário descobrir se a menina seria uma delas.



**A** menina não sabia, e uma sombra passou pelo rosto dela de forma tão grave que não houve disputa aquele dia.

**M**as houve *conquistas*. E essa palavra era irmã da palavra *vitória*, o que fez o menino rir. Afinal, qual seria o nome dos pais dessas duas?

**O**s pais dele, por sua vez, estavam fascinados com as palavras que ele afinal conseguiu escrever e ler! A mãe inventou que ele é que tinha de ler para ela dormir agora. Mas, ao contrário dele, ela não dormia nunca e até ajudava nas palavras mais difíceis. A alegria maior veio no dia em que o menino percebeu que a **avó** dormiu no meio da história! De fato, era um leitor.



**A** menina riu até chorar de mais essa! Era uma inspiração. Contou também que lia, mas para ela mesma, pois não tinha uma avó-menina para adormecer. Ele ofereceu a sua e, anos depois, era uma das coisas mais delicadas de que ela se lembraria.

**A**queles dias não foram de desafios no pátio, afinal estavam exaustos com os ensaios no palco. O menino dormiu cedo todos esses dias. O espetáculo de encerramento do ano se aproximava. Essa proximidade lembrava o menino da importância de descobrir se a menina ficaria na escola. Ele só não tinha coragem de perguntar outra vez. Não queria ver aquela sombra pesada *nunca mais*. Aguardou, vivendo uma palavra que pediu uma compreensão particular desde então: *paciência*.

**E**nquanto esperava para tranquilizar o coração ou se desesperar de vez, olhava folhas que voavam com o vento e finalmente descobriu que essa imagem não tinha nada de ameaçadora. O avô até podia aparecer! Bem..., pelo sim, pelo não, ficasse tranquilo onde estivesse.

**R**ecolheram todos os desenhos das paredes, limparam os escaninhos, juntaram o material, devolveram os livros na biblioteca, desfizeram a biblioteca da sala e piquenicaram no pátio. A professora estava tão triste quanto o menino. Por que é que todos estavam felizes?! Incluindo a menina! Porque as férias estavam novamente chegando.

o espetáculo de encerramento foi um sucesso, segundo os pais, mas o menino observou que ele e vários amigos esqueceram uma série de detalhes que julgavam aprendidos nos ensaios... Pelo que pôde reparar, a menina não esqueceu um único movimento e salvou o grupo. Os pais riram a valer da opinião dele a respeito da *melhor amiga*. A avó estava tão alegre no dia do espetáculo de encerramento que ele aproveitou para apresentá-la à menina. A menina deu um beijinho na avó, acariciou o cabelo branco dela e o menino desejou dar um imenso abraço de três nas duas. Mas não deu.

os pais se abraçaram, agradeceram à professora tanta coisa comum, que o menino imaginou que houvesse algo de inspirador no comum das coisas de todo dia.

o menino se despediu da menina e o ano acabou.





**N**ão houve nenhum encontro surpreendente entre seus pais e os pais da menina naquelas imensas férias.

Houve sim muito barulho em casa por causa das obras que os pais inventaram para deixar tudo bem *confortável*. O menino descobriu que confortável, até vir a ser, dá trabalho e *estressa*. Palavra danada.

**E**nquanto o confortável então não vinha, o menino descobriu que a **avó** era uma ótima companhia de parque também e eles juntos descobriram flores secas diferentes para combinar com as folhas mortas da coleção. Sim, porque não houve mesmo jeito de convencê-la de que ele não era mais o dono da *coleção de folhas*.



**Q**uando o primeiro dia de aulas foi anunciado, o menino sentiu uma dor no coração, porque antecipou a tristeza do não. Achou que, se estivesse preparado para não ver a **menina**, seria mais fácil para a experiência de não correr no pátio *nunca mais*.

**A**rrumou a mochila, ajudou a mãe a organizar o lanche, deu uma olhada alheia no estojo cheio de lápis coloridos bem apontados e beijou a **avó**.

**A** sala de aula tinha tanta gente desconhecida que desesperava. A professora do ano anterior passou de repente pela porta e veio logo beijar o menino. Disse que ele estava na sala errada, *mas aquela...* Não, a direção da escola resolveu mudá-los. A professora levou o menino pela mão até a sala certa. Deu-lhe mais beijos e enxugou a mãozinha suada. Disse que tudo ia dar certo e que tinha certeza de que aquele seria um ano muito feliz. O menino abraçou aquela menina grande que adorava seus garranchos com uma vontade de não desapegar *nunca mais*. Foi a primeira vez que o **nunca mais** passou rápido, pois **braços fortes e fofos** vieram arrancá-lo *para sempre* da tristeza.

**E**RA ELA. Lépida e risonha. Risonha e linda. Linda e engraçada. Engraçada e forte. E os três se abraçaram forte até caírem rindo no chão.

**Q**uando reparou nela pela primeira vez naquele ano, depois de tanto tempo sem reparar!, percebeu que ela usava um novo **par de brincos** e que eles eram a imitação preciosa da natureza de sua **fruta favorita**.



Este impresso foi composto utilizando-se as  
famílias tipográficas Agreloy e Fontin.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada  
a fonte e que não seja para qualquer fim comercial.

